

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS

Carolina Zeferino Pires

PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS:  
Uma leitura do *Menino do Pijama Listrado*

Porto Alegre

2009

Carolina Zeferino Pires

PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS:

Uma leitura do *Menino do Pijama Listrado*

Trabalho de conclusão de curso de graduação,  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Licenciada em Letras da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Mestre Fabiane Lazzaris

Porto Alegre

2009

Para meus pais, Lenir e João.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Lenir e João, pelo apoio e carinho despendidos, por estarem comigo ao longo de toda a minha vida e por serem grandes responsáveis tudo aquilo que já conquistei e irei conquistar.

À minha querida irmã, Cláudia, que esteve comigo quando dei os meus primeiros passos, tanto na vida como nos estudos e pelos preciosos conselhos e orientações dados durante toda a minha caminhada.

Ao meu querido irmão Júnior, meu grande amigo e exemplo, que mesmo quando esteve longe estava ao meu lado, com uma palavra de carinho e de apoio.

Ao meu amor, Marcos, pela compreensão e incentivo e por estar ao meu lado nos momentos em que eu mais precisei.

À minha querida orientadora, Fabiane Lazzaris, por ter me acolhido e me guiado neste trabalho e concordar em se aventurar no mundo das fronteiras comigo.

À querida professora e amiga, Adriane Ferreira Veras, pelo incentivo acadêmico, por sempre ter uma palavra sincera e gentil e por ter me apresentado a Literatura Inglesa de outra forma.

À querida professora Sandra Sirangelo Maggio, um exemplo de professora, por ter sempre uma palavra de conforto ao longo da minha caminhada e por ter gentilmente aceito participar da banca avaliadora.

À professora Rita Lenira de Freitas Bittencourt, por ter gentilmente aceito participar da banca avaliadora.

*Lines may divide us,  
but hope will unite us.*

*(Anônimo)*

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar criticamente o romance *O Menino do Pijama Listrado* do autor irlandês John Boyne. O foco da análise é a relação entre dois meninos, Bruno e Shmuel, que se conhecem através de uma cerca e a relação de Bruno com os demais membros de sua família. Esse trabalho analisa a questão de fronteiras e barreiras existentes na obra, que podem ser visíveis, invisíveis ou simbólicas. O encontro de culturas que acontece no entre-lugar ou terceiro espaço também é analisado, assim como as questões de alteridade. O referencial teórico utilizado abrange autores que tratam de questões sobre fronteiras, como Claude Raffestin e Sandra Jatahy Pesavento, de discurso e de poder, como Michael Foucault e de diferença cultural e alteridade, como Homi Bhabha, Mary Louisi Pratt e Rodolfo Franconi.

Palavras-chaves: Fronteira. Alteridade. Cultura. Entre-lugar.

## ABSTRACT

The aim of this monograph is to critically analyze the novel *The Boy in the Striped Pajamas* by the Irish author John Boyne. The focus of analysis is the relationship between two boys, Bruno and Shmuel, who get to know each other through a fence, and the relationship between Bruno and his family. The encounter of cultures that happens in an in-between or third space is also analyzed, as well as alterity issues. The theoretical background used in the analyses includes authors who investigate boundary issues, such as Claude Raffestin and Sandra Jatahy Pesavento, discourse and power, such as Michael Foucault and culture and alterity, such as Homi Bhabha, Mary Louisi Pratt and Rodolfo Franconi.

Keywords: Boundaries. Alterity. Culture. In-between.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
2 O romance: o encontro de Bruno e Shmuel .....	12
3 O tema: o Holocausto como pano de fundo .....	16
4 Shmuel: o enigmático menino do pijama listrado .....	19
5 As fronteiras: o visível e o invisível .....	24
6 O entre-lugar: o encontro entre culturas .....	35
CONCLUSÃO .....	46
BIBLIOGRAFIA .....	49

## INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a obra *O Menino do Pijama Listrado* (BOYNE, 2007)<sup>1</sup>, de autoria do escritor irlandês John Boyne. A presente discussão iniciou-se no primeiro semestre de 2009, na disciplina de Literatura Inglesa IV, ministrada pela professora Adriane Ferreira Veras. John Boyne é um escritor contemporâneo, nascido em 1971, cuja obra inclui contos, livros para crianças, além de sete romances - *The Thief of Time* (2000), *The Congress of Rough Riders* (2001), *Crippen* (2004) *The Boy in The Striped Pajamas* (2006), *Next of Kin* (2006), *Mutiny on The Bounty* (2008) e *The House of Special Purpose* (2009) – mas ainda pouco conhecida no meio acadêmico. Ao começarmos a nossa discussão sobre o autor, a maioria não o conhecia, mas alguns haviam assistido ao filme *The Boy in the Striped Pajamas* (2008), adaptação do livro que discutirei no presente trabalho.

Dentre os levantamentos sugeridos pela professora, o que mais me chamou a atenção foi a questão das barreiras existentes no livro. Ao mesmo tempo em que me sentia envolvida pelo livro, pela sua história emocionante e pelo seu vocabulário simples e preciso, pensava como seria possível Bruno ser tão próximo de um preso de guerra e, ao mesmo tempo, distante de seus pais. Na medida em que entrava no universo das cercas, dava-me conta de que poderiam existir vários tipos de barreiras nas nossas vidas, sejam elas visíveis ou não.

No capítulo *O romance: o encontro de Bruno e Shmuel*, apresento o enredo do livro *O Menino do Pijama Listrado* (BOYNE, 2007), onde é possível conhecer a trajetória de Bruno e Shmuel a partir do momento em que Bruno deixa sua casa na Alemanha para morar ao lado de um campo de concentração em Auschwitz. Através das falas e sentimentos de Bruno, conhecemos a família de Bruno: sua mãe (cujo nome não é citado na narrativa), seu pai (Ralf), sua irmã (Gretel), sua avó (Nathalie) e seu avô (Mathias), além da empregada Maria. Todas as personagens têm papel fundamental na vida de Bruno, mas de maneiras diferentes.

No terceiro capítulo, *O tema: o Holocausto como pano de fundo*, abordo o contexto histórico da narrativa. Apesar de a história ser ambientada na Segunda Guerra Mundial, o menino desconhece o momento pelo qual seu país está passando, sendo assim, o Holocausto não é o tema central da narrativa de John Boyne, no entanto serve de pano de fundo para a narrativa. Por se tratar de um tema delicado, um dos maiores crimes contra a Humanidade,

---

<sup>1</sup> *The Boy in the Striped Pajamas* (BOYNE, 2006)

alguns anos de distanciamento do fato foram necessários para que fossem criados livros sem a preocupação de veracidade.

Ao longo do processo de elaboração deste trabalho, a figura do personagem Shmuel foi tornando-se cada vez mais importante, por isso, na quarta parte, *Shmuel, o enigmático menino do pijama listrado*, discuto como o menino que está do outro lado da cerca, preso em um campo de concentração é apresentado no livro. A partir da definição que Foucault faz de discurso (FOUCAULT, 1996), levanto algumas hipóteses para explicar os silenciamentos de Shmuel.

A quinta parte deste trabalho, *As fronteiras: o visível e o invisível*, está estruturada de forma a elucidar as questões de fronteiras existentes no livro. A partir da concepção territorial que Raffestin (RAFFESTIN, 1993) traz das fronteiras, discuto a questão do muro que confinou Shmuel e sua família antes deles serem presos e, posteriormente, sobre a cerca que os mantinha isolados dentro de um espaço fortemente delimitado, o campo de concentração. Como não é possível analisar as fronteiras somente pelo viés territorial, pois, além de serem marcos físicos, também carregam consigo o aspecto simbólico de sua demarcação (PESAVENTO, 2001), analiso as fronteiras simbólicas presentes ao longo da história. Por último, coloco que existem barreiras que não são simbólicas nem visíveis, mas que podem atingir os sujeitos nas suas relações com o próximo. Sendo assim, acredito que nas relações entre Bruno e seus familiares também existem barreiras, que se manifestam de formas distintas, e que os indivíduos não podem ver ou tocar, ou seja, são invisíveis.

No quinto e último capítulo, *O entre-lugar: o encontro entre culturas*, apresento algumas concepções do crítico pós-colonialista Homi Bhabha (2007) que podem ser aplicadas para analisar a questão da diferença cultural existente entre os dois meninos que se encontram em um espaço de transição, ou seja, em uma fronteira. Assim como colocado por Bhabha, acredito que as fronteiras são espaços de passagem, que permitem o encontro de duas culturas diferentes, como acontece entre Bruno e Shmuel. Além disso, a partir da concepção que Bhabha nos traz do Outro (2007), analiso como Bruno enxerga Shmuel e vice-versa. Como o autor é um crítico pós-colonial, sua análise é feita em termos colono-colonizado, o que não prejudica a discussão feita, visto que Bruno encontra-se em uma situação de dominador com relação a Shmuel, apesar de não saber, e Shmuel encontra-se numa situação de dominado.

Ainda sobre a maneira como cada menino perceber o outro a partir de sua posição, trago a definição que Franconi faz de olhar oblíquo, que é a maneira pelo qual cada indivíduo, a partir de suas próprias subjetividades, enxerga o outro. Bruno e Shmuel pertencem a culturas diferentes e, conseqüentemente, possuem formas diferentes de enxergar o próximo e

a si mesmos. Franconi (2006) coloca que a alteridade é um estado inerente a todo sujeito, que se manifesta através da diferença com o outro. Portanto, analiso como a questão da alteridade entre Bruno e Shmuel é apresentada ao longo da narrativa e como a forma de enxergar o outro foi decisiva no desfecho da mesma.

## 2 O romance: o encontro de Bruno e Shmuel

O livro *O Menino do Pijama Listrado* (BOYNE, 2007) é narrado em terceira pessoa e conta a história do protagonista Bruno. Bruno é filho de um comandante do exército que fora transferido para outra cidade e, com isto, é obrigado a se mudar de casa. Na primeira parte do livro, Bruno está chegando em casa e sua mãe, com a ajuda da empregada Maria, está embrulhando todas as coisas por causa da mudança. O menino, no entanto, não quer ir embora porque sabe que sentirá falta de seus amigos e não entende porque sua família deve sair de casa, muito boa e grande o suficiente para toda a família. Ao ser indagada, sua mãe lhe explica o motivo pelo qual eles terão que se mudar: o trabalho do pai de Bruno, que foi designado para exercer suas atividades em outro lugar. Alguns capítulos depois, fica claro que o pai de Bruno é um comandante do exército nazista cuja chefia seria exercida em um campo de concentração.

Em sua nova casa, Bruno é um menino solitário, não tem amigos, visto que não há outras pessoas morando nas redondezas de sua casa, além de não manter um bom relacionamento com a sua irmã mais velha, Gretel, que o despreza por ele ser mais novo e, em alguns momentos, por ele não entender a verdadeira situação em que se encontra seu país, a Alemanha. Sabe-se que o período no qual se passa a história é a Segunda Guerra Mundial, apesar de o protagonista não mencionar este fato em nenhum momento. O menino demonstra, em alguns momentos, ter sentimentos nacionalistas devido à influência de seu pai, que frequentemente afirma seu sentimento com relação à pátria à família.

Nathalie, a avó de Bruno, discorda da decisão do filho de levar toda a família embora e nunca mais os visita, sendo que seu neto é a única pessoa que lhe escreve, pois ela cortara relações com seu filho por ele ter escolhido servir ao *The Fury*. Interessante ressaltar que Bruno não sabe pronunciar corretamente algumas palavras que ouve, como, por exemplo, quando ele se refere à figura do ditador alemão: ao invés de pronunciar The Führer, ele fala The Fury (A Fúria, na versão do livro em Português). O menino também pronuncia erroneamente o nome do local onde seu pai trabalha, Out-With, quando se refere a Auschwitz (Haja vista, na versão traduzida).

Como não há escolas em que as crianças possam frequentar, Bruno e Gretel recebem lições do professor Herr Liszt, que lhes ensina Geografia e História, matérias que o menino diz odiar, sendo que suas preferências são Literatura e Arte. Depois das lições, o menino resolve conhecer o terreno em volta da sua casa, na tentativa de tornar-se um explorador,

assim como os heróis dos seus livros preferidos. Em uma dessas explorações, ele chega perto de uma grande cerca que avistara através da janela de seu quarto e que contorna toda a propriedade de seus pais. Ele não consegue entender porque todas aquelas pessoas se vestem da mesma forma, como se usassem pijamas listrados e bonés de pano e que moram em um mesmo lugar. Através desta cerca, Bruno conhece um menino, Shmuel, cujo braço tem uma tarja com uma estrela pintada. Bruno fica feliz em conhecer alguém que mora do outro lado da cerca e, apesar de achar que o menino tem um nome estranho, encontra muitos pontos em comum entre os dois: ambos nasceram na mesma data e não tem amigos com quem conversar ou brincar. Shmuel está preso dentro de um campo de concentração, fato que Bruno desconhece.

Shmuel é polonês e, apesar de ter a mesma idade de seu novo amigo, aparenta ser mais maduro do que este, devido à situação que enfrentou e continua enfrentando por causa da guerra. Shmuel conta para Bruno que é filho de uma professora e de um relojoeiro que fora levado de sua casa por soldados alemães para morar naquele lugar. Shmuel não sabe ao certo onde sua mãe está, ela havia sido levada e ele nunca mais a viu. No campo de concentração, Shmuel mora em uma cabana com outras pessoas juntamente com seu pai e seu irmão Josef. Apesar de narrar sua história ao amigo, Bruno não consegue entender a real situação de Shmuel e desconhece até mesmo o fato de estarem na Polônia, e não mais na Alemanha.

A partir destes encontros diários separados pela cerca, Shmuel e Bruno tornam-se grandes amigos, a ponto de Bruno querer passar para o outro lado para brincar com seu amigo, mas este não deixa porque sabe que aquele não é um bom lugar para ninguém. Algumas vezes, Bruno leva algum alimento para o amigo, que os devora vorazmente e, apesar de Bruno notar que seu amigo parece mais magro e sua pele mais acinzentada a cada dia, em algumas ocasiões Bruno beliscava os alimentos no caminho porque lhe dera fome.

Apesar de serem bons amigos, na única vez em que Shmuel atravessa a cerca, Bruno não consegue protegê-lo do tenente Kotler, soldado subordinado ao pai de Bruno. O soldado, apesar de comparecer na casa de Bruno frequentemente, desperta medo no menino alemão. Shmuel havia sido levado para a casa do comandante para lustrar os copos por ele ter os dedos pequenos o suficiente para caber dentro das taças e, quando Bruno vê seu amigo fica tão feliz em tê-lo por perto, que não percebe o quanto poderia ser perigoso demonstrar a amizade existente entre os dois. Bruno oferece-lhe comida enquanto conversam e, quando o tenente volta para inspecionar o trabalho, vê o pequeno judeu com vestígios de comida e não se contém de raiva. Para não apanhar, Shmuel diz que conhece Bruno, mas este não confirma, pois também sente medo do subordinado de seu pai. Bruno sai da sala, com a certeza de ter

feito algo errado, mas quem sofre as consequências é seu amigo, que é sumariamente castigado.

Bruno sente-se muito envergonhado por não ter ajudado seu amigo, mas volta no dia seguinte para reencontrá-lo e, uma semana após o ocorrido, Shmuel reaparece no mesmo lugar onde costuma se encontrar com Bruno. Apesar de Shmuel apresentar o rosto coberto por hematomas, Bruno não considera que aquilo poderia ter sido feito por algum soldado alemão, afinal seu pai era um soldado e, para ele, seu pai nunca faria algo assim, nem mesmo o tenente Kotler, cujo comportamento não o agrada.

Dias após Bruno ter raspado a cabeça por ter pego piolho, ele volta a encontrar Shmuel através da cerca, só que desta vez o menino está mais abatido do que nunca. Para surpresa de Bruno, o pai de seu amigo havia desaparecido e, apesar de Bruno oferecer-se para falar com seu pai sobre o paradeiro dele, Shmuel não aceita, pois sabe que nenhum soldado poderia ajudá-lo. Bruno, que ainda sente-se constrangido por não ter salvo o amigo no episódio com o tenente Kotler, se oferece para procurar o pai de Shmuel, uma grande aventura para o menino alemão.

Os dois meninos foram animados para casa naquela tarde. Bruno imaginou uma grande aventura diante de si; finalmente ele teria a oportunidade de ver o que havia do outro lado da cerca antes de voltar a Berlim – sem falar na chance de fazer alguma exploração de verdade. Shmuel viu a oportunidade de conseguir alguém para ajudá-lo a procurar seu pai. Tudo considerado, o plano parecia muito inteligente e era uma boa maneira de se despedir. (BOYNE, 2007, p. 173)<sup>2</sup>

Para passar para o outro lado da cerca a fim de ajudar o amigo sem ser reconhecido, Bruno veste-se da mesma forma que Shmuel e, como Bruno tivera seu cabelo raspado por sua mãe, somente a cruel magreza do menino judeu difere as duas crianças, que caminham juntas rumo ao perigo. Bruno, apesar de ser filho de um comandante do exército nazista, desconhece o verdadeiro perigo daquele lugar. Começa a chover e, quando Bruno pensa em voltar para casa, alguns soldados os cercam. As pessoas começam a marchar, Bruno sente sua roupa

---

<sup>2</sup> Both boys went home in high spirits that afternoon. Bruno imagined a great adventure ahead and finally an opportunity to see what was really on the other side of the fence before he went back to Berlin – not to mention getting in a little serious exploration as well – and Shmuel saw a chance to get someone to help him in the search for his papa. All in all, it seemed like a very sensible plan and a good way to say goodbye. (BOYNE, 2006, p. 199)

grudada ao corpo por causa da chuva e, de mãos dadas, os meninos são levados pela multidão rumo à câmara de gás. Bruno desculpa-se com seu amigo por não ter encontrado seu pai e, mesmo sendo de origens diferentes, acabam morrendo da mesma forma.

Após o desaparecimento de Bruno, todas as cidades e vilas próximas ao local foram revistadas, mas nenhum sinal foi encontrado. Um dos soldados, no entanto, encontrou as roupas de Bruno perto da cerca onde ele e Shmuel encontravam-se todos os dias, mas ninguém consegue entender porque elas estão naquele local. A mãe de Bruno volta a Berlim, na esperança de encontrar o filho na antiga casa, mas, obviamente, nada encontra. O pai de Bruno passa a ser hostilizado pelos soldados, os quais trata sem nenhum escrúpulo e, um ano depois da morte dos meninos, volta ao lugar onde seu filho havia passado para o outro lado da cerca. Ele nota que a cerca não estava bem fixa ao chão e, ao levá-la, dá-se conta de que por aquele espaço seu filho passou para encontrar a morte.

### 3 O tema: o Holocausto como pano de fundo

Na literatura do século XX e XXI, muito se tem discutido sobre as obras literárias que retrataram o Holocausto. Por tratar-se de uma das maiores tragédias da humanidade, muitos autores transpuseram para as páginas os horrores acontecidos ou vivenciados na guerra. Os primeiros livros publicados sobre este tema foram, em sua maioria, de cunho testemunhal, como, por exemplo, *O Diário de Anne Frank* (Anne Frank, 1947) e *É isso um homem?* (Primo Levi, 1947). O primeiro, narrado em forma de um diário, mostra os horrores vivenciado por uma menina judia durante a Segunda Guerra Mundial entre os anos de 1942 a 1944. O livro escrito pelo italiano Primo Levi é um relato sobre os seus dias no campo de concentração de Auschwitz. Levi tornou-se referência mundial da literatura testemunhal do Holocausto, visto que foi um dos mais longevos escritores que sobreviveram à Segunda Guerra. Ele tinha 23 anos quando foi levado para o campo de concentração de Auschwitz e morreu em 1987.

Os autores citados acima tentaram narrar, da forma mais realista possível, os maus tratos por eles vivenciado, na tentativa de que aquilo por que eles passaram não fosse esquecido nem desacreditado. A respeito disto, Levi coloca que

As primeiras notícias sobre os campos de extermínio nazistas começaram a difundir-se no ano crucial de 1942. Eram notícias vagas, mas com convergentes entre si: delineavam um massacre de proporções tão amplas, de uma crueldade tão extrema, de motivações tão intrincadas que o público tendia a rejeitá-las em razão de seu próprio absurdo. É significativo como esta razão tenha sido prevista com muita antecipação pelos próprios culpados; muitos sobreviventes (entre outros, Simon Wiesenthal, nas últimas páginas de *Gli assassini simo fra noi*, Milão, Garzantini, 1970) recordam que os SS se divertiam avisando cinicamente os prisioneiros: “Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhes dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos *lager* [campos de concentração]”. (LEVI, 1990)

Na opinião de Levi, aquilo por que passaram era tão cruel, que muitas pessoas poderiam negar-se a acreditar. Assim, pode-se afirmar que um dos objetivos destas primeiras

publicações sobre o Holocausto era lembrar para não esquecer, por mais doloroso que fosse o processo criativo. O mundo precisava saber que aquilo que havia acontecido, ou seja, havia uma preocupação em contar o que ocorrera naquele lugar onde pessoas eram levadas para serem mortas. As suas vozes, até então abafadas pelo exército nazista, iriam romper as fronteiras da Alemanha para narrar a todos as torturas físicas e psicológicas pelo qual eles haviam passado. Cada um encontrou uma forma de dizer que seus pensamentos não ficariam presos em um campo de concentração ou em um sótão apertado. Existia uma preocupação em mostrar ao mundo os horrores acontecidos. O diário da menina Anne Frank foi publicado postumamente por seu pai para que o mundo tomasse conhecimento dos atos indizíveis que ocorriam nos campos de extermínio. E, apesar de toda esta literatura testemunhal que foi criada – infelizmente poucas traduzidas para o Português – algumas pessoas ainda insistem em negar o holocausto em pleno século XXI.

Em um primeiro momento, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, o Holocausto foi tema de livros testemunhais, não havendo espaço para criação estética sobre este fato. A Segunda Guerra marcou tão intensamente a produção artística mundial que Adorno coloca que “escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de porque hoje se tornou impossível escrever poemas” (ADORNO, 1998, p. 26). Assim, a Segunda Grande Guerra, além de ter sido um marco negativo na História, por ter sido marcada por crimes contra a Humanidade - Genocídios - também deixou suas marcas na produção artística mundial.

Alguns anos de distanciamento foram necessários para que as primeiras histórias começassem a ser escritas sem a preocupação com a veracidade. Foi preciso tempo para contar o indizível, talvez porque o Holocausto seja um tema tão monstruoso que não admitia ser usado para a produção artística literária.

O livro *O Menino do Pijama Listrado* (BOYNE, 2007), no entanto, não é um livro sobre a Segunda Guerra Mundial, apesar de ser ambientado nesta época, mas sim sobre relações humanas. O livro, narrado em terceira pessoa, não retrata a guerra diretamente, visto que o narrador assume o ponto de vista do protagonista Bruno na maior parte do tempo<sup>3</sup>. Bruno é filho de um comandante do exército nazista, Ralf, e, apesar de vivenciar o dia a dia da guerra, não tem maturidade suficiente para compreendê-la. O que pode ser constatado na passagem em que Shmuel está limpando as taças na casa de Bruno e o menino alemão nota

---

<sup>3</sup> O narrador assume o ponto de vista de Bruno na maior parte do tempo visto que, após a morte do menino no campo de concentração, a narração continua.

que suas mãos e as de Shmuel são muito diferentes. As mãos de Bruno têm uma aparência saudável, enquanto as de Shmuel eram quase moribundas.

“Como ficou assim?”, perguntou Bruno  
 “Não, sei”, disse Shmuel. Antigamente ela era mais parecida com a sua, mas eu não percebi a mudança. Todos do meu lado da cerca são assim agora.”  
 Bruno franziu o cenho. Pensou a respeito de todas aquelas pessoas de pijama listrado e imaginou o que estaria acontecendo em Haja-Vista e, o que quer que fosse, devia ser uma má ideia, uma vez que fazia as pessoas ficarem com um aspecto tão debilitado. Nada daquilo fazia sentido para ele. (BOYNE, 2007, p. 147)<sup>4</sup>

É importante salientar que Bruno é um menino que nasceu na década de 30 em uma Alemanha arrasada pela Primeira Guerra Mundial e, apesar de seu pai ser um agente ativo nesse processo – ele lutou na Primeira Grande Guerra e é um dos comandantes da Segunda -, Bruno não consegue entender o que está acontecendo. O menino não tem acesso informações que mostrem que o seu país aprisiona pessoas para depois exterminá-las, o menino consegue somente ouvir alguns diálogos recortados e carregados de silêncios. Bruno está imerso na realidade da guerra, convive com soldados que exercem suas funções no campo de concentração, mas não consegue concretizar sua própria realidade.

Além disso, é necessário certo distanciamento da narração para compreender que Bruno é um menino de nove anos dos anos 30, muito diferente das crianças que atualmente crescem em um mundo globalizado, onde elas têm acesso livre à informação de forma quase instantânea. Bruno vive em um grupo familiar que se socializa com um restrito grupo de pessoas da sociedade, sendo que a maioria delas talvez quisesse protegê-lo daquela situação, não revelando a Bruno os reais motivos que levaram o seu pai a Auschwitz. Segundo Boyne, Bruno representaria, na narrativa, o extremo da inocência, com suas ingênuas aspirações e angústias, que se contrapõe ao extremo da maldade, o Holocausto (BOYNE, 2006, p. 6). Pode-se afirmar que o contexto histórico, dessa forma, fica difuso no texto, visto que Bruno desconhece o momento pelo qual seu país, a Alemanha, está passando.

---

<sup>4</sup> ‘How did it get like that?’ he asked.

‘I don’t know’, said Shmuel. ‘It used to look more like yours, but I didn’t notice it changing. Everyone on my side of the fence looks like this now.’

Bruno frowned. He thought about the people in their striped pajamas and wondered what was going on at Out-With and whether it wasn’t a very bad idea if it made people look so unhealthy. None of it made any sense to him. (BOYNE, 2006, p. 168)

#### 4 Shmuel: o enigmático menino do pijama listrado

*O Menino do Pijama Listrado* (BOYNE, 2007) narra a história de dois meninos, Bruno e Shmuel, muito parecidos, mas que vivem em realidades muito diferentes, apesar de estarem separados somente por uma cerca. Após Bruno ter encontrado Shmuel em uma de suas explorações ao redor de sua casa, os dois meninos começam a encontrar-se diariamente e é a partir desses encontros que é possível conhecer melhor Shmuel, um garoto de nove anos de idade que está preso no campo de concentração de Auschwitz.

Como o narrador do livro assume o ponto de vista do menino Bruno, é possível saber quais são os pensamentos, as angústias e as percepções que o menino alemão tem sobre a sua realidade em sua nova casa. Shmuel, no entanto, é uma figura enigmática ao longo de todo o livro, pois ele é apresentado ao leitor através das percepções de Bruno e o que ele pensa sobre Shmuel. Além disso, os diálogos entre os dois meninos são, muitas vezes, carregados de silêncios. Não é possível afirmar com certeza quais são os sentimentos de Shmuel, somente as conversas nos mostram alguns indícios sobre a sua história.

Ele [Bruno] olhou para o menino e pensou em perguntar por que ele estava tão triste, porém hesitou, achando que poderia ser falta de educação. Bruno sabia que às vezes, quando a pessoas está triste, não gosta de falar a respeito; às vezes acaba contando do que se trata por conta própria e às vezes não para de falar nisso durante meses, mas naquela ocasião ele pensou que seria melhor esperar antes de dizer qualquer coisa. (BOYNE, 2007, p. 97)<sup>5</sup>

Shmuel conta para Bruno algumas partes de sua vida, que pode ter sido curta em anos vividos, mas transparece ter sido longa no sofrimento. Shmuel narra ao amigo que fora levado de sua casa pelos soldados, e que ele desconhece o verdadeiro paradeiro de sua mãe. Ele também confia ao amigo que vive em cabanas, as mesmas que Bruno enxerga pela janela de seu quarto, juntamente com o seu pai e seu irmão. Bruno, no entanto, está tão

---

<sup>5</sup> He stared at the boy and considered asking him it might sound rude. He knew that sometimes people who were sad didn't want to be asked about it; sometimes they'd offer the information themselves and sometimes they wouldn't stop talking about it for months on end, but on this occasion Bruno thought that he should wait before saying anything. (BOYNE, 2006, p. 107)

envolvido com suas próprias dúvidas que não consegue entender que o amigo é um preso de guerra.

Não é possível afirmar porque, em muitos momentos da narrativa, Shmuel, ao invés de falar diretamente ao amigo o que se passa do outro lado da cerca, se cala. Suas referências ao campo de concentração não são diretas, são vagas. Algumas frases são tão curtas que Bruno não compreende o que o amigo quer dizer. Quando os meninos encontram-se pela primeira vez, Shmuel fala ao amigo que ele “está do lado errado da cerca” (BOYNE, 2007, p. 117) e, quando questionado por Bruno porque ele usava a mesma roupa todos os dias, “Shmuel piscou os olhos e abriu a boca para dizer algo, mas então mudou de ideia.” (BOYNE, 2007, p. 133)

Por outro lado, não é possível afirmar se Shmuel, mesmo estando do outro lado da cerca e vivendo o dia a dia do campo de concentração, sabe o que verdadeiramente acontece com as pessoas em um campo de extermínio. Em nenhum momento da narrativa, Shmuel fala ao amigo que poderia estar preso por ser judeu, nem é possível saber se Shmuel reconhece a si mesmo como sendo de origem judaica. Na realidade, o menino judeu parece desconhecer porque ele e sua família encontram-se presos.

As atitudes de Shmuel parecem oscilar ao longo da narrativa, pois em certos momentos ele parece ter consciência do que acontece com as pessoas presas em Auschwitz, mas tem medo de qual seria a reação de Bruno caso ele viesse a saber qual é a verdadeira função de seu pai. Sendo assim, a importância da convivência com Bruno estaria no fato de precisar dele para desabafar suas mágoas. Shmuel é um menino muito solitário, visto que tem somente nove anos de idade e fora separado de sua mãe para ser levado para um lugar onde ele apanha dos demais meninos que estão presos e, principalmente, dos soldados. Em outros momentos, Shmuel parece desconhecer o que de fato se passa do seu lado da cerca, por isso silencia quando indagado pelo amigo o que acontece com as pessoas do outro lado da cerca.

Além de não ser possível saber quais são sentimentos de Shmuel, os seus discursos são silenciados, talvez porque ele sinta medo de contar a Bruno o que realmente se passa do outro lado da cerca. Na passagem em que Bruno e Shmuel estão conversando sobre o que eles seriam quando crescessem, essa situação fica evidente. Quando Bruno fala que seria um soldado, como seu pai, Shmuel responde que não gostaria de ser um soldado, pois não existem soldados bons.

Os dois meninos ficaram bem quietos por alguns minutos, já que não queriam dizer algo de que pudessem se arrepender depois. “Você não sabe como são as coisas aqui”, disse Shmuel afinal, em voz baixa, suas palavras mal chegando aos ouvidos de Bruno. (BOYNE, 2007, p. 124)<sup>6</sup>

Para explicar os silenciamentos de Shmuel, é preciso pensar de que forma o discurso de Shmuel ocorre ao longo da narrativa. Segundo Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1996, p. 9) Sendo assim, o autor afirma que o discurso é controlado, selecionado, organizado e redistribuído por processos cujas funções são conjurar seus poderes e perigos (FOUCAULT, 1996, p. 9). Para o filósofo francês, a produção de discursos em uma sociedade como a nossa é controlada, de forma que situações de exclusão de discursos podem atingir os sujeitos, que silenciam. Os silenciamentos são decorrentes da ideia de que os discursos podem ser perigosos para aqueles que o proferem. De certa forma, pode-se afirmar, mas não com certeza, pois Shmuel é uma voz silenciada ao longo da narrativa, que ele não se sente com o direito de contar ao amigo o que acontece no lugar onde ele encontra-se preso. Foucault chama essa forma de exclusão de interdição, que está intimamente ligada com as relações de poder.

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 1996, p. 9)

As três formas de interdição colocadas por Foucault - tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala - estão relacionadas com as relações de poder, pois essas barreiras que são impostas ao discurso também limitam o poder dos sujeitos. Os três tipos de interdição não ocorrem isoladamente, pois se entrelaçam num processo contínuo, de acordo com o autor. A primeira forma de interdição, tabu do objeto, ocorre quando o sujeito não tem o direito de dizer tudo, e pode-se dizer que Shmuel tem o seu

---

<sup>6</sup> Both boys stayed very quiet for a few minutes, neither one wanting to say anything he might regret. ‘You don’t know what it’s like here,’ said Shmuel eventually in a low voice, his words barely carrying across to Bruno. (BOYNE, 2006, p. 140)

discurso suprimido porque não tem coragem de contar a Bruno o que os soldados fazem com as pessoas dentro de um campo de extermínio, ou seja, para Shmuel, falar da violência sofrida por ele é um tabu. Foucault ressalta que a principal forma de tabu é aquele que trata sobre a sexualidade e a política, mas pode-se afirmar que violência - física ou psicológica - também pode ser uma forma de tabu.

Assim, Shmuel não conta ao amigo as violências que ele sofre diariamente porque talvez, para ele, a violência é um tabu, sendo que o objeto seria os maus tratos sofridos por ele. Um exemplo de que Shmuel sente-se receoso de contar ao amigo, é quando os dois meninos travam uma conversa sobre o tenente Kotler. Shmuel, ao que parece, é surrado pelo tenente constantemente, mas não conta ao menino alemão.

“Não gosto de falar sobre ele”, disse Shmuel. [...] “Ele também me assusta um pouco”, admitiu Bruno. “É um valentão. E tem cheiro engraçado. É por causa de toda aquela loção pós-barba que ele usa.” E então Shmuel começou a tremer e Bruno olhou ao redor, como se pudesse em vez de sentir se estava frio ou não. “Qual é o problema?”, ele perguntou. “Não está frio assim, está? Você deveria ter trazido um casaco, sabe. As noites estão *mesmo* ficando mais frias.” (BOYNE, 2007, p. 125)<sup>7</sup>

Além disso, pode-se afirmar que uma forma de materializar o que ocorre com Shmuel seria através de seu discurso, ao passo que silenciar também é uma forma de tentar esquecer. Shmuel não gosta nem de mencionar o nome do tenente Kotler, que seria um dos grandes responsáveis pelo seu sofrimento em Auschwitz, falar sobre o que lhe acomete diariamente seria um sofrimento maior ainda.

A segunda forma de interdição, ritual da circunstância, ocorre quando o sujeito não pode falar tudo em qualquer circunstância e pode-se afirmar que situação em que Shmuel encontra-se, uma guerra, é de se esperar que os sujeitos tenham seus discursos subtraídos. Shmuel encontra-se em uma situação extrema, sendo que qualquer palavra que ele disser pode se voltar contra ele próprio. Quando Shmuel é levado para lustrar os copos na casa do comandante e é pego comendo e conversando com Bruno, Shmuel “ousou” falar que conhecia

---

<sup>7</sup> ‘I don’t like talking about him,’ said Shmuel. [...] ‘He scares me too a little’, admitted Bruno. ‘He is a bully. And he smells funny. It’s all that cologne he puts on.’ And then Shmuel started to shiver slightly and Bruno looked around, as if he could see rather than feel whether it was cold or not. ‘What is the matter?’, he asked. It’s not that cold, is it? You should have brought a jumper, you know. The evenings are getting chillier.’ (BOYNE, 2006, 141)

Bruno para o tenente Kotler. Como resposta a essa insubordinação, Shmuel aparece, dias depois, com o rosto cheio de hematomas. Shmuel não teria nem mesmo o direito a pensar que poderia ser amigo de um alemão, muito menos dirigir uma palavra a alguém dentro da casa de um comandante do exército nazista.

Shmuel acenou com a cabeça rapidamente e começou a tremer enquanto pegava outro guardanapo e o mergulhava na água.

“Quem disse que você podia falar nesta casa?”, prosseguiu Kotler. “Ousa me desobedecer?”

“Não, senhor”, disse Shmuel em voz baixa. “Desculpe-me, senhor.”

Ele ergueu os olhos para o tenente Kotler, que franziu o cenho, projetando-se levemente para frente e inclinando a cabeça ao examinar o rosto do garoto. (BOYNE, 2007, p. 149)<sup>8</sup>

Usando o mesmo exemplo citado acima, a última forma de interdição colocada por Foucault, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito ocorre porque nem todo sujeito pode falar qualquer coisa. Como colocado pelo autor, as três formas de interdição não acontecem isoladamente, e todas são consequência da atual situação de Shmuel de ser um preso de guerra. Assim, pode-se dizer que o discurso de Shmuel sofre um processo de exclusão, a interdição, visto que para ele, o seu próprio discurso poderia ser perigoso. Em uma situação como a que se encontra Shmuel, é de se esperar que os sujeitos tenham seus discursos subtraídos.

---

<sup>8</sup> Shmuel nodded his head quickly and started to tremble a little as he picked up another napkin and dipped it in the water.

‘Who told you that you were allowed to talk in this house?’ continued Kotler. Do you dare to disobey me?’

‘No, sir’, said Shmuel quietly. ‘I’m sorry, sir.’

He looked up at Lieutenant Kotler, who frowned, leaning forward slightly and tilting his head as he examined the boy’s face. (BOYNE, 2006, p. 171)

## 5 As fronteiras: o visível e o invisível

Apresento nesta parte do trabalho a questão das cercas presentes no livro, que podem ser tanto visíveis quanto invisíveis. A cerca que separa Shmuel de seu amigo Bruno e também confinava os judeus dentro de um campo de concentração. Segundo o autor, a ideia inicial para a criação do livro era a de dois meninos sentados frente a frente separados por uma cerca, uma situação que poderia ocorrer em qualquer lugar, em qualquer tempo, assim como os atos de extermínio em massa. Boyne (2006) coloca que na história recente mundial, nós temos visto cercas em todos os lugares do mundo e que seriam erguidas em nome de uma causa maior.

Nós vimos genocídios acontecer em Ruanda, em Kosovo. Nós vimos cercas construídas na África do Sul, na Irlanda do Norte – e essas cercas, e esses genocídios, às vezes sendo feitos por pessoas no mundo como uma grande causa, e às vezes ignoradas. Como pessoas, e como pessoas políticas no mundo, nós decidimos sobre quais problemas são mais importantes do que outros. (BOYNE, 2006, p. 9, tradução nossa)<sup>9</sup>

As cercas, como as que aparecem no livro, podem ser construídas em qualquer lugar, a qualquer momento, seja para separar países ou cidades, criar microterritórios, impedir o trânsito de pessoas ou confina-las dentro de um espaço. Ao longo da História, muitas cercas foram construídas, com diferentes motivações, mas a maioria tinha objetivos em comum: separar dois lados, dividir um mesmo lugar em duas partes ou mais. É evidente que as relações de poder estão intrinsecamente ligadas ao processo de construção de cercas, visto que as barreiras físicas erguidas pelos homens são, na maioria das vezes, motivadas por disputas de poder ou por dominação de um povo sobre outro (ou outros). Há vinte anos, um muro que fora construído para separar a Alemanha em dois lados distintos (um capitalista e outro socialista), foi derrubado. Conhecido como o Muro de Berlim, além de dividir a cidade alemã,

---

<sup>9</sup> We've seen genocides happen in Rwanda, in Kosovo. We've seen fences built in South Africa, in Northern Ireland – and those fences, and those genocides, sometimes being taken up by people in the world as a great cause, and sometimes ignored. As people, and as political people in the world, we make decisions [about] which problems are more important than others. (BOYNE, 2006, p. 9)

simbolizava a disputa entre os blocos capitalista e socialista, sendo o primeiro liderado pelos Estados Unidos da América e o segundo, pela República Socialista Soviética.

Além das cercas existentes em todas as partes do mundo, podem ser encontradas cercas nas relações interpessoais, como a que existe entre Bruno e seu pai, que não lhe explica o verdadeiro significado de uma guerra; e entre Bruno e sua mãe, que se encontra absorta com seus sentimentos, sem dar-se conta de que o filho poderia correr grande perigo ao explorar o espaço em torno de sua casa.

A partir do momento em que cercas são construídas para dividir e demarcar espaços antes contínuos, há uma modificação do espaço territorial, permitindo que regiões fronteiriças sejam criadas em seus limites, sendo que cada lado de uma fronteira apresentará características próprias.

Ao longo de todo o livro, a imagem dos dois meninos será uma constante: dois amigos conversando separados por uma barreira física que mantém cada um em seu lado. A forma como a barreira é retratada no livro pode ser interpretada de várias formas, visto que não é um conceito fechado ou acabado. Ao contrário, fronteiras são sempre espaços de conflitos e de múltiplos sentidos, pois uma cerca pode delimitar um território, pode separar dois lados que não podem ou não devem se encontrar ou impor uma barreira física. De acordo com Raffestin,

[...] o limite, a fronteira a *fortiori*, seria, assim a expressão de uma interface biossocial, que não escapa à historicidade e que pode, por consequência, ser modificada ou até mesmo ultrapassada. De fato, desde que o homem surgiu, as nações de limites e de fronteiras evoluíram consideravelmente, sem no entanto nunca desaparecerem. É evidente que os significados do limite variaram muito no decorrer da História. Não há por que se admirar, pois o limite é um sinal ou, mais exatamente, um sistema sêmico utilizado pelas coletividades para marcar o território: o da ação imediata ou o da ação diferenciada. (RAFFESTIN, 1993, p.164).

No livro, os judeus foram confinados em um espaço delimitado por barreiras físicas e simbólicas na Polônia (que se encontrava, na época, sob domínio nazista). Como colocado por Raffestin, as barreiras são frutos de uma sociedade e da ação de homens que tem o poder de construí-las e delimitá-las. Sendo assim, barreiras não são fixas, podem variar conforme a evolução dos povos e por escolhas de homens que detém o poder de manejá-las conforme suas escolhas, que não são arbitrárias, são sempre motivadas. Na obra, as cercas construídas serviam para manter os judeus dentro daquele território e para que não houvesse nenhum tipo

de contato com o meio externo. Bruno, no entanto, ao tornar-se amigo de um menino judeu ultrapassa a barreira imposta pela sociedade, visto que ele não tinha o entendimento de que pessoas deveriam ficar presas.

O território é um espaço determinado por relações de poder onde este está física e politicamente organizado. Contudo, o conceito de território proposto por Raffestin relaciona-se, também, com a dimensão escalar, onde o espaço e os atores sociais podem recriar microterritórios, pois as ações desses atores, através das relações de poder, formam os limites tanto físicos quanto simbólicos. Assim, pode-se afirmar que as fronteiras estão intimamente ligadas às relações de poder na sociedade. Muitos países tiveram suas fronteiras transformadas, criando microterritórios dentro de seus domínios, como viria a acontecer na Alemanha durante a Guerra Fria. A construção de um muro que dividiu Berlim em duas partes – uma capitalista e outra socialista – viria a marcar profundamente a história alemã.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o movimento nazista criou, dentro dos países por onde passou a ter domínio, os guetos, que constituíam territórios onde eram aprisionadas as pessoas que étnica, cultural e religiosamente eram semelhantes e que representavam uma ameaça ao regime nazista. Shmuel, antes de ser levado para o campo de concentração, fora levado juntamente com sua família para um gueto na Cracóvia, onde os soldados haviam construído um grande muro para mantê-los restritos no mesmo território. O muro que confinava Shmuel, sua família e os demais judeus representa o limite, o marco físico que delimitava o espaço onde eles poderiam ocupar. Na Cracóvia, a família de Shmuel foi obrigada a dividir um pequeno cômodo com outra família, até serem levados para o campo de concentração. Através das falas do menino, é possível ver o sofrimento pelo qual Shmuel e sua família passaram, ao ter que dividir uma casa com outras pessoas em um ambiente reduzido.

“Moramos lá por mais alguns meses”, continuou Shmuel, “todos nós naquele único quarto. Havia apenas uma pequena janela, só que eu não gostava de olhar através dela porque, então, via o muro, e eu odiava o muro, porque nossa verdadeira casa ficava do outro lado. E aquela parte da cidade era a parte ruim, porque havia sempre muito barulho e era impossível dormir. E eu odiava o Luka, que era o menino que continuava me batendo, mesmo quando eu não tinha feito nada de errado.” (BOYNE, 2007, p.114)<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> ‘We lived there for some more months,’ continued Shmuel, ‘all of us in that one room. There was one small window in it but I didn’t like to look out of it because then I would see the wall and I hated the wall because our real home was on the other side of it. And this part of town was the bad part

Shmuel consegue entender sua própria situação como um detento dentro de seu próprio país. Para o menino judeu, aquela cerca existia para mantê-los confinados naquele espaço e impedi-los de voltar para casa. Segundo Raffestin (1993, p. 167), as nações tornaram as fronteiras uma categoria particular do limite, transformando-as em sinais. Sendo assim, poderiam ser manipuladas de tal forma que seriam a própria manifestação ideológica, tornando-se um limite sagrado, ou seja, intransponível. A cerca que prende Shmuel e sua família seria a manifestação concreta de uma faceta da ideologia nazista, que apregoava a superioridade alemã sobre os demais povos e, com isso, “pretendiam assegurar a perenidade no poder de alguns sobre muitos” (RAFFESTIN, 1993, p.131).

Para Shmuel, os sinais ideológicos presentes nas cercas eram muito claros pois, apesar de ele chegar até o seu limite para conversar com o menino alemão, ele sabe que não estaria autorizado a ultrapassá-la. Também entende que, apesar de seu amigo ser filho de um comandante, aquele lugar não seria aconselhável para ele. Bruno, por outro lado, convive diariamente com as manifestações nazistas – os atos patrióticos de seus pais, sua irmã e de seu professor; o contato direto com os soldados que guarneciam o campo de concentração – mas não consegue compreendê-las.

Além de ser uma barreira física, a cerca que circundava o campo de concentração era carregada de simbologias. Segundo Pesavento,

[...] as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo, simbólicas. São produto desta capacidade imaginária de refigurar a realidade a partir de um mundo paralelo de sinais, através do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo . (PESAVENTO, 2001, p.7).

A autora afirma que não é possível pensarmos nas fronteiras somente a partir da concepção territorial e, conseqüentemente, do campo político, visto que as barreiras também carregam consigo simbologias muito peculiares, que são interpretadas de acordo com a identidade de cada indivíduo. As fronteiras, além de serem marcos físicos, seriam um produto cultural, onde cada indivíduo enxerga a si próprio em oposição ao outro. O processo seria contínuo, de forma a fazer e refazer sua identidade como sujeito e de como enxerga o outro.

---

because it was always noisy and it was impossible to sleep. And I hated Luka, who was the boy who kept hitting me even when I did nothing wrong.’ (BOYNE, 2006, p. 129)

Nesta medida, o conceito de fronteira avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos de identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença e alteridade com relação aos outros. (PESAVENTO, 2001, p. 8)

As barreiras simbólicas se constroem através da cultura, das tradições históricas, do reconhecimento étnico e do sentimento de pertencimento territorial. O conjunto dessas subjetividades expressa as diferenças culturais e se manifesta através da identidade de cada indivíduo. Esta identidade étnica foi representada pelo movimento nazista através da expressão “raça”, sendo que se dizia que os alemães representavam a “raça superior” ou a “raça ariana”. Essas determinações são baseadas em discursos ideológicos do século XIX, fundamentados no historicismo evolucionista.

Consequentemente, Bruno e Shmuel interpretam de forma distinta as cercas que os separam, pois cada um enxerga a si próprio de uma maneira e, apesar de terem a mesma idade, carregam histórias de vida muito diferentes. Bruno acha que o lugar onde Shmuel encontra-se é muito mais divertido, pois ele tem muitas crianças com quem poderia brincar durante o dia, ao passo que Shmuel encontra-se preso sem poder ultrapassar a barreira imposta pelos nazistas.

Antes de ir para Auschwitz, Shmuel ficara confinado em um território cercado por uma barreira visível, um muro. Além do muro, existiam barreiras simbólicas que o impediam de circular livremente pelas ruas de seu país, que o diferenciavam consideravelmente dos soldados que guarneciam o local. Os judeus eram obrigados usar uma estrela colada na manga de sua roupa e assim os soldados e os apoiadores do movimento nazista os reconheciam, diferenciando-os dos demais. Evidente que as diferenças ficarão mais claras quando toda família de Shmuel for levado para o campo de concentração, pois neste lugar sua locomoção era muito mais restrita.

As fronteiras simbólicas são principalmente fortes no campo social, onde as diferenças ganham maior destaque. No livro, Bruno machuca-se ao andar de balanço e quem lhe presta atendimento é o empregado da casa que descascava batatas e servia o jantar todos os dias, Pavel. Como Bruno acha que o ferimento causado pela queda é muito grave, ele acha que seria necessário levá-lo a um hospital, mas Pavel afirma que não é necessário. Ao ser questionado pelo menino como ele poderia saber, visto que ele era somente um servente, Pavel responde que é médico. Pode-se notar, neste episódio, que havia uma barreira social

separando Pavel e Bruno, que mesmo depois da explicação do servente-médico sobre sua verdadeira profissão, não acredita como aquilo poderia ser possível.

“E como você sabe?”, perguntou rapidamente Bruno, irritado agora, apesar de aquele homem ser o mesmo homem que o resgatara do chão, o trouxera para casa e cuidara dele. “Você não é médico.”

Pavel parou de descascar as cenouras por um instante e olhou para Bruno do outro lado da mesa, a cabeça baixa, erguendo os olhos, como se tivesse pensando no que responder. Ele suspirou e pareceu ponderar a questão por um longo tempo antes de dizer: “Sou, sim.”

Bruno encarou-o, surpreso. Aquilo não fazia sentido para ele. “Mas você é um servente”, disse lentamente. “E você descasca os legumes para o jantar. Como pode ser também um médico?”

“Jovem rapaz”, disse Pavel [...] “eu sou, de fato, um médico. Só porque um homem olha para o céu à noite, isso não faz dele um astrônomo, sabia?” (BOYNE, 2007, p. 76)<sup>11</sup>

O menino Bruno ignora os perigos do Holocausto e, ao atravessar a cerca, deixou de ser o “filho do comandante” para ser mais um entre os judeus. Neste sentido, o desconhecimento da real situação em que se encontrava, influenciou diretamente em sua morte. Bruno questiona em vários momentos que lugar estranho seria aquele em que as pessoas ficavam confinadas em um mesmo lugar, morando em cabanas, sem casas, e, mesmo com medo da reação de seu pai, o questiona:

“Quem são todas aquelas pessoas do lado de fora?”, disse ele finalmente.

O pai inclinou a cabeça para a esquerda, parecendo um pouco confuso por causa da pergunta. “São soldados, Bruno”, disse ele. “E secretários. Empregados do gabinete. Você já os viu antes, é claro.”

“Não estou falando deles”, disse Bruno. “Quero saber daquelas pessoas que eu vejo da minha janela. As que moram nas cabanas, lá longe. Estão todas com as mesmas roupas.”

---

<sup>11</sup> ‘Well, how do you know?’ asked Bruno quickly, growing irritable now despite the fact that this was the same man who had come out to pick him up off the ground and brought him in and taken care of him. ‘You are not a doctor.’

Pavel stopped peeling the carrots for a moment and looked across the table at Bruno, his head held low, his eyes looking up, as if he were wondering what to say to such a thing. He sighed and seemed to considered it for quite a long time before saying, ‘yes, I am.’

Bruno stared at him in surprise. This didn’t make any sense to him. ‘But you are a waiter,’ he said slowly. ‘And you peel the vegetables for dinner. How can you be a doctor too?’

‘Young man’, said Pavel [...], ‘I certainly am a doctor. Just because a man glances up at the sky at night does not make him an astronomer, you know.’ (BOYNE, 2006, p. 82)

“Ah, aquelas pessoas”, disse o pai, acenando com a cabeça e sorrindo levemente. “Aquelas pessoas... Bem, na verdade elas não são pessoas, Bruno”

Bruno franziu o cenho. “Não são?”, perguntou ele, sem saber o que o pai queria dizer com aquilo.

“Bem, não são pessoas no sentido em que entendemos o termo”, prosseguiu o pai. “Mas você não deve se preocupar com elas agora. Elas não têm nada a ver com você. Não há nada em comum entre você e elas.” (BOYNE, 2007, p. 52)<sup>12</sup>

Pode-se notar neste diálogo todo o preconceito que o pai de Bruno sente em relação aos judeus, pois ele acredita que a sua raça é superior e não existe possibilidade de Bruno vir a se relacionar com algum deles. Ralf, o pai de Bruno, havia lutado na Primeira Guerra Mundial e, para orgulho do avô de Bruno, Matthias, havia sido promovido para poder ajudar o país a reconquistar o que lhe fora tirado. Ele se considerava um patriota e acreditava estar fazendo a coisa certa ao obedecer às ordens do *Führer*.

No momento em que não esclarece ao filho quem seriam aquelas pessoas e porque todas elas estavam confinadas naquele lugar, Ralf permite que uma barreira seja formada entre ele e seu filho, o que resultará em um fim trágico para toda família. Pode-se afirmar, então, que entre pai e filho cria-se o que chamo de fronteira invisível, que não pode ser vista ou tocada, mas existe para distanciar pessoas que deveriam estar juntas, mas são separados por uma barreira. De certa forma, Ralf acreditava que a cerca pudesse proteger seus filhos dos “outros”, mas Bruno acaba relacionando-se com Shmuel de forma tão próxima, que a cerca não mais existia para ele e, quando ele a transpõe, Bruno acaba virando mais um no meio dos “outros” para os soldados, que o envia à câmara de gás.

A barreira invisível interposta entre pai filho pode ser entendida através dos da falta de diálogo existente entre o pai de Bruno e seu filho, visto que Ralf não responde diretamente aos questionamentos do menino. Em vários momentos Bruno questiona o pai sobre as pessoas

---

<sup>12</sup> ‘Who are all those people outside?’ he said finally.

Father tilted his head to the left, looking little confused by the question. ‘Soldiers, Bruno’, he said. ‘And secretaries. Staff workers. You’ve seen them all before, of course.’

‘No, not them’, said Bruno. The people I see from my window. In the huts, in the distance. They’re all dressed the same’.

‘Ah, those people’, said Father, nodding his head and smiling slightly. ‘those people... Well, they’re not people at all, Bruno’.

Bruno frowned. “They’re not?” he asked, unsure that Father meant by that.

‘Well, at least not as we understand the term’, Father continued. ‘But you shouldn’t be worrying about them right now. They’re nothing to do with you. You have nothing whatsoever in common with them’. (BOYNE, 2006, p. 53)

que vivem ao lado de sua casa. Ralf, no entanto, por entender que Bruno é muito criança para participar de certos assuntos, não acha relevante explicar ao filho o que acontece do outro lado da cerca.

Apesar de em nenhum momento colocar ao filho que o lugar ao lado de sua casa poderia ser perigoso para crianças, Ralf demonstra ser um pai amoroso com Bruno e Gretel, ele mostra-se preocupado com a criação de seus filhos, a ponto de contratar um professor particular para instruí-los. Ralf não percebe que entre ele e seu filho foi erguida uma barreira, também não se sabe exatamente quais são seus sentimentos após a morte de Bruno, apesar de ele mostrar estar fora de seu comportamento normal depois da morte de seu filho. O desfecho trágico, entretanto, foi motivado pelo total desconhecimento por parte do menino do que se passava ao lado de sua casa.

Ralf mostra-se preocupado em alguns momentos pelo fato de seus filhos estarem crescendo ao lado de um campo de concentração. Por outro lado, ele não quer transparecer nenhum tipo de fraqueza aos seus subordinados, caso deixasse sua família voltar para Berlim, como a mãe de Bruno propusera. Se ele permitisse que seus filhos voltassem para sua antiga casa, em certa medida ele estaria admitindo que suas ações no campo de concentração eram erradas. Por causa de suas escolhas, Ralf deixa de falar com sua mãe, que não aprova sua escolha de comandar um campo de extermínio, e deixa sua família a mercê dos perigos que uma guerra pode causar. Como Bruno não consegue perceber defeitos em seu pai, visto que ele é um exemplo para ele, não é possível afirmar quais são as ações de Ralf no campo de concentração, mas elas são trazidas à tona através das falas de Shmuel, que conhece o pai de Bruno e não consegue entender como um menino tão doce poderia ser filho de uma pessoa tão cruel. É possível perceber os sentimentos de Shmuel com relação a Ralf quando o pai de Shmuel desaparece e o menino fala a Bruno que odeia todos os soldados.

“Não odeia o meu pai, não é?”, perguntou Bruno.  
Shmuel mordeu os lábios e não disse nada. Ele já vira o pai de Bruno em diversas ocasiões e não compreendia como era possível tal homem ter um filho tão amável e gentil. (BOYNE, 2006, p. 170)<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> ‘You don’t hate Father, do you?’ asked Bruno.  
Shmuel bit his lip and said nothing. He had seen Bruno’s father on any number of occasions and couldn’t understand how such a man could have a son who was so friendly and kind. (BOYNE, 2006, p.195)

Pouco antes de Bruno ser morto no campo de extermínio, Ralf concorda que o melhor para todos seria que sua esposa e as crianças voltassem para Berlim. Neste momento, no entanto, já seria tarde demais.

Bruno, no entanto, transpõe a barreira imposta e construída pelos alemães quando conhece Shmuel, pois tem a percepção de que há muitos pontos em comum entre os dois (a mesma idade, a mesma data de nascimento, os mesmos problemas, a mesma simplicidade em ver a vida). Os meninos estavam em lados opostos no sentido espacial, mas estavam muito próximos em termos afetivos. Para Bruno, não havia diferenças significativas entre ele e seu amigo que justificasse o fato dele não poder passar para o outro lado e vice-versa.

Em sua ingenuidade, o menino comenta com Gretel que a cerca estaria lá para confinar a sua família, e não para os judeus:

“Não entendo por que não podemos ir ao outro lado. O que há de tão errado conosco a ponto de não podermos ir até o outro lado da cerca e brincar?”  
Gretel encarou-o e então começou a rir, parando apenas quando percebeu que Bruno estava falando absolutamente sério.  
“Bruno”, disse ela numa voz infantil, como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo, “a cerca não está lá para nos impedir de ir ao outro lado. É para impedi-los de virem até aqui.” (BOYNE, 2007, p. 158)<sup>14</sup>

Gretel, apesar de tentar transparecer que é mais entendida do que o irmão por ser mais velha, não consegue explicar exatamente que lugar era aquele o qual eles podiam enxergar através de suas janelas. A partir das aulas com o senhor Liszt e suas ideias nacionalistas, no entanto, Gretel passa a acompanhar o desempenho da Alemanha na guerra. Para ela, o seu país deveria tomar conta dos demais por ser o melhor com o melhor comandante. O convívio cada vez mais próximo com o soldado Kotler – a adolescente parece nutrir uma paixão por ele, mas não é correspondida - também contribui para a mudança de Gretel, que explica para Bruno que aquelas pessoas estão lá porque são judias e não podem se misturar com outras pessoas. Assim como os demais membros da família, ela não sabe que Bruno fizera amizade

---

<sup>14</sup> ‘I don’t understand why we’re not allowed on the other side of it. What’s so wrong with us that we can’t go over there and play?’  
Gretel stared at him and suddenly started laughing, only stopping when she saw that Bruno was being perfectly serious.  
‘Bruno’, she said in a childish voice, as if this was the most obvious in the world, ‘the fence isn’t there to stop us from going over there. It’s to stop them from coming over here.’ (BOYNE, 2006, p.181)

com um judeu e, influenciada pelas idéias nacionalistas de seu professor e de seus pais, acredita na superioridade ariana sobre as demais raças.

Da mesma forma, a mãe de Bruno se mostra impotente com relação às escolhas feitas pelo marido. Ela não tem outra opção a não ser acompanhá-lo até seu novo posto, apesar de não entender exatamente o que seria um campo de concentração antes de chegar à Polônia. Na sua chegada à Polônia, Bruno consegue ouvir sua mãe reclamando das decisões do marido.

“Nunca deveríamos ter recebido o Fúria para o jantar”, ela disse. “Certas pessoas e a sua determinação em progredir na carreira.”  
Assim que disse isso, ela se voltou, e Bruno pôde ver que havia lágrimas em seus olhos, mas ela deu um salto quando viu Maria ali, observando-a. (BOYNE, 2007, p. 42)<sup>15</sup>

Quando Nathalie, a avó, mostrou-se contrária às escolhas do filho, a mãe de Bruno somente considerou que o marido havia ficado muito bonito em seu novo terno, pois seus conhecimentos acerca da política alemã eram restritos. Com o passar dos dias na Polônia, no entanto, ela se mostrou cada dia mais entediada por não ter ninguém com quem conversar.

Com o passar dos dias em sua nova casa na Polônia, a mãe de Bruno torna-se mais próxima do tenente Kotler. Através de algumas impressões de Bruno sobre ele, percebe-se que há um possível relacionamento amoroso entre sua mãe e o tenente Kotler, fato que contribuía para a antipatia que o menino nutria pelo tenente. Quando o pai de Bruno não está em casa, Kotler frequenta a casa, principalmente o quarto de sua mãe. Não se sabe o motivo, mas Kotler é transferido para outro lugar, deixando a mãe de Bruno mais solitária. Ela, então, parece entrar em um processo depressivo por viver em um local ermo e aterrorizante. Aos poucos, a mãe de Bruno fica sabendo quais são os verdadeiros papéis de seu marido e do campo de concentração na guerra.

A figura materna é um pouco apagada para Bruno, ficando em segundo plano com relação ao seu pai. A relação entre a mãe de Bruno e Gretel também parece ser conturbada, visto que mãe e filha disputam o amor da mesma pessoa, o tenente Kotler. Entre Bruno e sua mãe existe o que se pode chamar de barreira invisível, visto que ela não esclarece ao filho as questões relativas a atual situação da família. Não é possível afirmar se ela age de tal forma com o intuito de protegê-lo ou por causa de um distanciamento afetivo. A barreira interposta

---

<sup>15</sup> ‘We should never have let the Fury come to dinner,’ she said. ‘Some people and their determinations to get ahead.’  
Just after she said that she turned round and Bruno could see that she had tears in her eyes, but she jumped when she saw Maria standing there, watching her. (BOYNE, 2006, p. 40)

entre mãe e filho pode não ser algo premeditado, ela existe de tal forma que separa os sujeitos em duas categorias diferentes - seja adulto-criança, homem-mulher - sem mesmo que os sujeitos dêem-se conta de que ela exista. O abismo existente entre mãe e filho é constatado através da ausência de diálogo entre os dois, que contribui para um maior distanciamento interpessoal.

## 6 O entre-lugar: o encontro entre culturas

Fronteiras são espaços de transição entre dois lados, sendo que “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*.” (HEIDEGGER, 2007, p. 19 apud BHABHA, 2007, p. 19, grifo do autor) Em *O menino do Pijama Listrado* (BOYNE, 2007), é a partir da fronteira entre o campo de concentração e o terreno da casa de Bruno que nasce a amizade entre Shmuel e Bruno. O teórico pós-colonialista Homi Bhabha nos traz muitos conceitos acerca da questão de fronteiras, tais como embates nas regiões de fronteira por causa das diferenças culturais, que podem ser tanto consensuais como conflituosas (BHABHA, 2007, p. 21). Segundo o autor, a fronteira é um lugar de passagem, de idas e vindas, de intercâmbio entre lá e aqui, um espaço intermediário.

É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimular ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando: “Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte reúne enquanto passagem que atravessa.” (BHABHA, 2007, p 24)

No livro de Boyne, é possível perceber alguns embates entre os dois meninos, motivados pelas diferenças culturais existentes entre Bruno e Shmuel. O menino alemão, por exemplo, não consegue entender porque o amigo não gosta dos soldados, visto que seu pai é um deles, enquanto Shmuel não consegue entender como um menino tão meigo como Bruno pudesse ser filho de um deles.

“Não existem soldados bons”, repetiu Shmuel.  
 “Exceto meu pai”, repetiu Bruno, que esperava que Shmuel não dissesse aquilo outra vez, pois não queria ter que discutir com ele. Afinal, ele era seu único amigo em Haja-Vista. (BOYNE, 2007, p. 124)<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> ‘There aren’t any good soldiers’, repeated Shmuel.  
 ‘Except Father’, repeated Bruno, who was hoping that Shmuel wouldn’t say that again because he didn’t want to have to argue with him. After all, he was the only friend he had here at Out-With. (BOYNE, 2006, p. 140)

No espaço onde há fluidez entre dois lados de uma fronteira, permite o surgimento de algo novo, híbrido. O processo de hibridização começa a partir do encontro de culturas diferentes que se influenciam mutuamente em um espaço novo, que Bhabha chama de *terceiro-espaço* ou *entre-lugar*.

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. (BHABHA, 2007, p 27)

Shmuel e Bruno pertencem a culturas diferentes que se encontram em um espaço fronteiriço que lhes permitem conhecer o novo. Bruno nunca havia conhecido um menino judeu chamado Shmuel, ao passo que Shmuel nunca ouvira o nome Bruno anteriormente. Apesar de Shmuel contar para Bruno como ele havia chegado ao campo de concentração e como havia sido sua vida até então, suas realidades são tão distantes que Bruno não consegue compreendê-lo. Assim, como colocado por Bhabha, existe um embate implícito entre os dois meninos, resultado de duas culturas muito diferentes. Quando Shmuel conta para o amigo alemão como é sua vida do outro lado da cerca, Bruno enxerga mais semelhanças do que diferenças.

“Então, um dia vieram os soldados e seus gigantescos caminhões” [...] “E todos tiveram que deixar suas casas. Muitas pessoas não queriam ir e se esconderam em qualquer lugar que puderam encontrar, mas, afinal, acho que pegaram todos.” [...]

“E levaram minha mãe embora, e papai, Josef e eu fomos colocados nas cabanas logo ali e é onde ficamos desde então.”

Shmuel parecia muito triste ao contar sua história e Bruno não sabia ao certo por quê; para ele não parecia algo tão terrível e, afinal, muito do que acontecera a um acontecera ao outro. (BOYNE, 2007, p. 115)<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> ‘Then one day the soldiers all came with huge trucks’ [...] ‘And everyone was told to leave the houses. Lots of people didn’t want to and they hid wherever they could find a place but in the end I think they caught everyone. [...]

‘And Mama was taken away from us, and Papa and Josef and I were put into the huts over there and that’s where we’ve been over since.’ (BOYNE, 2006, p. 129)

Fronteiras são espaços onde ocorrem trocas culturais e, muitas vezes, conflitos, visto que permite o encontro entre duas culturas ou mais. No livro *O menino do Pijama Listrado* (BOYNE, 2007), o lugar onde os dois meninos se encontram não é um lugar de vazio cultural, mas é o espaço onde o encontro entre duas culturas diferentes se faz presente. As histórias de vida que Shmuel e Bruno carregam consigo são muito diferentes uma da outra e, mesmo sem saber, cada menino influencia o outro através de uma troca mútua de experiências. O encontro entre Bruno e Shmuel acontece em um espaço fronteiro de um campo de concentração, sendo que Shmuel está em uma situação subordinada, de preso, permitindo o surgimento do que Pratt chama de “zona de contato”.

[...] “zonas de contacto” [são] espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo o mundo. (PRATT, 1999, p. 27)

A autora coloca que zona de contato é um encontro espacial e temporal que acontece entre sujeitos que antes estavam separados por “descontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam.” (PRATT, 1999, p. 32) A escolha do termo “contato” não é casual, pois se acredita que quando culturas diferentes encontram-se em um mesmo espaço, a influência, o contato entre ambas são mútuas por causa da “presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, frequentemente dentro de relações radicalmente assimétricas de poder.” (PRATT, 199, p. 32)

Shmuel está preso do lado apostado ao de Bruno, sem poder sair e com comida escassa, ao passo que Bruno tem como pai um comandante do exército ao qual todos devem obediência. Pode-se afirmar, portanto, que a relação entre os dois amigos é assimétrica, ou seja, existe uma relação de dominação entre os dois, apesar deles não saberem.

Pode-se dizer que Shmuel, apesar de estar dentro do campo de concentração, não pertence àquele lugar, não se identifica com aquelas pessoas nem com os demais judeus. Através de seus silenciamentos, pode-se afirmar que ele encontra-se dentro do seu país, a Polônia, mas sente que sua identidade lhe é arrancada no momento em que é levado de sua casa e separado de sua mãe.

Bruno franziu o cenho. Ele esperava que Shmuel dissesse que não, o que apontaria outro traço em comum entre eles. “Amigos *próximos?*”, ele perguntou.

“Bem, não são muito próximos”, disse Shmuel. “Mas deste lado da cerca há muitos de nós – meninos da nossa idade, quer dizer. No entanto, brigamos a maior parte do tempo. É por isso que venho aqui. Para ficar sozinho.” (BOYNE, 2007, p. 99)<sup>18</sup>

É ao lado de Bruno – um alemão, filho de um nazista – que Shmuel encontra o apoio necessário para continuar vivendo. Embora Bruno não compreenda a angustia de seu amigo a maior parte do tempo, Shmuel encontra-se com o amigo quase diariamente para poder reequilibrar a si próprio, colocando o seu sofrimento em forma de desabafos e discursos abafados.

Bruno, ao mesmo tempo em que é o ouvinte dos desabafos de Shmuel, não o compreende por achar que os dois encontram-se em situações similares, ele não consegue imaginar que Shmuel é um preso de guerra. As palavras não são ditas, mas se pode aferir, através das impressões de Bruno e dos diálogos cortados de Shmuel o quanto ele sofre: ele é pisoteado, surrado, “mas não sente mais dor” (BOYNE, 2007, p. 152). Em alguns momentos da narrativa, Shmuel, ao invés de falar suas angústias para o amigo, se cala, parece que somente a companhia de Bruno lhe é suficiente.

Mas é precisamente nessas banalidades que o estranho se movimenta, quando a violência de uma sociedade racializada se volta de modo mais resistente para os detalhes da vida: onde você pode ou não sentar, como você pode ou não viver, o que você pode ou não aprender, que você pode ou não amar. Entre o ato banal de liberdade e sua negação histórica surge o silêncio. (BHABHA, 2007, p 37)

Bruno, que se encontra em uma melhor situação do que o amigo, também se sente excluído em sua própria casa. Ele não tem permissão de entrar em alguns cômodos da casa - como o escritório de seu pai - não deve fazer algumas perguntas por ser muito novo e deve

---

<sup>18</sup> Bruno frowned. He had hoped that Shmuel might have said no as it would give them something else in common. ‘Close friends?’ he asked.

‘Well, not very close,’ said Shmuel. ‘But there are a lot of us – boys our age, I mean – on this side of the fence. We fight a lot of the time though. That’s why I come out here. To be on my own.’ (BOYNE, 2006, p. 110)

aceitar sua própria situação sem questionar. Sua irmã, Gretel, é a única que lhe responde suas perguntas, mas o faz de forma displicente, pois acha que o irmão mais novo não tem maturidade suficiente para compreender.

Assim, Bruno busca, através de suas explorações diárias, alguém que lhe entenda, da forma como Shmuel o faz. Bruno sente-se triste por não poder passar para o outro lado da cerca e jogar com as crianças que estão naquele lugar, ele compara sua vida na Polônia com a que ele levava antes de se mudar de Berlim, quando ele tinha amigos com quais podia brincar. Em sua antiga casa, Bruno tinha a companhia diária de seus amigos, as visitas constantes de seus avós, podia frequentar a escola com as demais crianças diariamente. Com o começo da guerra, Bruno tem seus laços cortados com a avó, que influenciara o seu gosto pela Literatura, sendo que Bruno e Gretel encenavam algumas peças de teatro para a família, incentivados por ela. Bruno, por se sentir muito solitário em sua nova casa, envia-lhe cartas periodicamente, até à sua morte, fato que deixa Bruno muito triste.

Desta forma, a amizade entre Shmuel e Bruno seria uma ponte que permite alcançar uma margem à outra (BHABHA, 2007, p. 24), o encontro entre duas culturas muito diferentes, mas com angústias muito parecidas. Os dois meninos almejam estar em um outro lugar: Bruno gostaria de passar para o outro lado da cerca, enquanto Shmuel deseja voltar para casa, viver novamente com sua família. Assim, para Bruno, o *além* é o outro lado da cerca, enquanto para Shmuel, o *além* é a volta para casa. Neste sentido, apesar de possuírem histórias de vida muito diferentes como sujeitos, cada um pretende chegar à margem oposta a partir do lugar em que se encontram. Cada menino encontra no outro a ponte necessária para alcançar o que desejam. Segundo Bhabha,

Estar no “além”, portanto, é habitar um espaço intermediário, como qualquer dicionário lhe dirá. Mas residir no “além” é ainda, como demonstrei, ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever a nossa comunidade humana, histórica: *tocar o futuro em seu lado de cá*. Nesse sentido, então, o espaço intermediário “além” torna-se um espaço de intervenção entre o aqui e o agora. (BHABHA, 2007, p 27, grifo do autor)

Bruno deseja muito passar para o outro lado da cerca para poder brincar com as crianças que ele enxerga através da janela de seu quarto. Ele acredita que, por haver muitas delas do outro lado, poderiam jogar muitos jogos que ele gosta. Bruno tenta convencer

Shmuel em vários momentos de que ele poderia passar para o outro lado da cerca, inclusive usando a influência de seu pai para realizar seu desejo.

“É tão injusto”, disse Bruno. “Não entendo por que tenho que ficar encalhado do lado de cá da cerca, onde não há ninguém para conversar nem para brincar, e você fica com suas dúzias de amigos e provavelmente brinca durante horas e horas todo o dia. Terei que conversar com meu pai a respeito disso.” (BOYNE, 2007, p. 99)<sup>19</sup>

Apesar de Bruno entender pouco sobre a diversidade cultural existente entre ele e Shmuel, ele sabe que não seria permitido trazer seu amigo para o seu lado da cerca. Shmuel “representa um hibridismo, uma diferença “interior”, um sujeito que habita a borda de uma realidade” (BHABHA, 2007, p. 35). Bruno chega a propor a Shmuel que algum dia fosse jantar com ele e sua família, mas logo após se arrepende, pois sabe que, por algum motivo, Shmuel é o *Outro* com relação a ele e sua família. Bhabha, por ser um crítico pós-colonial, define o Eu e o Outro a partir de uma análise colono/colonizado.<sup>20</sup>

No entanto, é possível afirmar que Bruno, de certa forma, encontra-se em uma situação similar a de um colonizador - apesar de não sabê-lo - enquanto Shmuel encontra-se em uma situação inferior, de colono. O autor coloca que a identidade do Eu e do Outro se dá a partir da diferenciação entre ambos, pois “não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial” (BHABHA, 2007, p. 76). Da mesma forma, para Bhabha, a identificação não é a afirmação de algo preexistente, ela é produzida a partir de uma imagem de identidade para o Outro (BHABHA, 2007, p. 76). Segundo o dicionário Houaiss, alteridade é “Natureza ou condição do que é do outro, do que é distinto; situação, estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção, diferença.” (HOUAISS, 2009, p. 145)

---

<sup>19</sup> ‘It’s so unfair’, said Bruno. ‘I don’t see why I have to be stuck over here on this side of the fence where there’s no one to talk to and no one to play with and you have to get dozens friends and are probably playing for Hours every day. I’ll have to speak to Father about it.’ (BOYNE, 2006, p. 111)

<sup>20</sup> A análise colono-colonizado somente é usada para a relação entre os meninos, Bruno e Shmuel, pois em um estado de exceção, como a guerra, as relações tornam-se muito mais complexas do que a crítica pós-colonial apresenta.

Apesar de encontrar-se em uma situação privilegiada, comparada à situação de Shmuel, Bruno é um menino muito ingênuo e, ao conhecer o menino judeu, começa a conhecer melhor a si próprio. Ele se sentia muito triste por ter sido levado de sua casa contra sua vontade e, ao conversar com Shmuel, acha que o mesmo que aconteceu com ele também ocorreu com Shmuel – ser levado de casa contra sua própria vontade, não ter amigos com quem brincar, etc. A partir do momento em que Bruno imagina que ele e Shmuel passaram pelas mesmas situações, além de se sentir menos solitário por causa da companhia quase diária de seu novo amigo, Bruno sente-se menos injustiçado. Bruno tornara-se tão satisfeito com sua nova vida em sua casa que, ao ser perguntado pelo pai se era de sua vontade voltar a Berlim, Bruno responde que não. Suas ideias haviam mudado, ele sente que possui novamente um lar.

A casa ali já se tornara o seu lar e ele havia parado de se preocupar se ela tinha cinco andares ou apenas três, e não se importava tanto com os soldados indo e vindo como se fossem os donos do lugar. Ele lentamente se deu conta de que as coisas não eram tão más assim por ali, principalmente depois de ter conhecido Shmuel. (BOYNE 2007, p. 155)<sup>21</sup>

As conversar com Shmuel não o fizeram entender melhor a situação das pessoas do outro lado da cerca, nem as questões sobre a guerra pela qual seu país e sua família estão passando, mas fez com que ele entendesse melhor a si próprio. Ele consegue aceitar melhor que aquela é sua casa, apesar de não ser tão boa quanto a antiga. Berlim ficou para trás, assim como os seus amigos cujos nomes ele não se lembra mais. Ele está acostumado às idas e vindas dos soldados pelo pátio, seu relacionamento com sua irmã Gretel está melhor, o tenente Kotler havia sido transferido e, principalmente, havia Shmuel, seu companheiro diário de conversas através da cerca.

Assim, a alteridade, estado pelo qual permite ao sujeito enxergar-se a si próprio a partir do outro, tem papel decisivo na vida de Bruno desde o momento em que ele encontra Shmuel pela primeira vez. Embora suas conclusões sobre a vida de seu amigo não coincidam com a realidade, é possível perceber o seu amadurecimento ao longo de sua convivência com

---

<sup>21</sup> The house there had become his home now and he'd stopped worrying about the fact that it had only three floors rather than five, and it didn't bother him so much that the soldiers came and went as if they owned the place. It slowly dawned on him that things weren't too bad there after all, specially since he'd met Shmuel. (BOYNE, 2006, p. 177)

Shmuel. A troca cultural que ocorre entre os dois amigos, Bruno e Shmuel, ao longo de quase um ano de convivência através da cerca pode ter proporcionado uma espécie de amadurecimento aos dois meninos, mesmo que de forma diferente sobre cada sujeito.

Rodolfo Franconi faz uma discussão sobre a forma de ver e entender o outro que acredito ser relevante neste trabalho. O autor chama de “olhar oblíquo” uma categoria cultural que caracteriza o modo pelo qual “o “sujeito” ou o “eu” percebe e elabora seu conceito do outro.” (FRANCONI, 2006, p. 105) A expressão olhar oblíquo traz a ideia de transversalidade, de como cada sujeito, a partir de suas próprias percepções, referências, (pré) conceitos, histórico cultural, etc., olha e percebe o outro.

O “outro”, pode-se dizer, sempre será obliquamente percebido. Os indivíduos se vêem com o olhar enformado pela cultura a que pertencem. Ver inocentemente, portanto, é impossível. Por isso, o “olhar oblíquo” pode ser entendido como uma categoria cultural implícita, isto é, uma condição intrínseca de perceber-se o “outro”. Por outro lado, essa *alteridade*, inerente a todo sujeito cultural, manifesta-se objetiva e concretamente diante da diferença. (FRANCONI, 2006, p. 106)

A transversalidade é dada a partir da subjetividade de cada indivíduo, quanto maior a distância cultural entre o “eu” e o “outro”, mais oblíquo será o olhar de um para o outro. Quanto maior a proximidade dos sujeitos, no entanto, menos oblíqua e mais direta será a forma de ver o “outro”. Assim, pode-se afirmar que a proximidade entre Shmuel e Bruno, mesmo que tenha acontecido através da cerca, permite que o olhar mútuo entre ambos seja mais direto, ou seja, menos oblíquo. Talvez por serem crianças, os dois amigos enxerguem um ao outro de forma mais direta.

Apesar disso, pode-se afirmar que Bruno e Shmuel enxergam um ao outro de formas distintas, em parte por causa das diferenças culturais e também por causa das diferentes histórias vividas por cada criança. Shmuel, apesar de ter a mesma idade de Bruno, aparenta ter sua maturidade precocemente desenvolvida por causa da guerra. Ele fala outras línguas, foi obrigado a conviver com outras pessoas em uma mesma casa, além de viver em um campo de concentração. Shmuel conhece a maldade humana de perto, ele sabe que há pessoas no mundo que só querem o seu sofrimento. Bruno, por outro lado, convive com um grupo restrito de pessoas, sua família e, posteriormente, alguns soldados que frequentam a sua casa

diariamente. Bruno é ingênuo a ponto de repetir as frases ditas pelo seu pai sem ao menos saber o que elas realmente significam.

“Polônia”, disse Bruno, pensativo, medindo a palavra na língua. “Não é tão boa quanto a Alemanha, é?”

Shmuel franziu o cenho. “Por que não?”, perguntou ele.

“Bom, porque a Alemanha é o maior de todos os países”, respondeu Bruno, lembrando-se de algo que ouvira o pai comentar com o avô em certo número de ocasiões. “Somos superiores.”

Shmuel encarou-o sem dizer nada, e Bruno sentiu um forte desejo de mudar de assunto, pois, enquanto dizia aquelas palavras, havia algo a respeito delas que não soava correto, e a última coisa que queria era que Shmuel pensasse que ele estava sendo mal-educado. (BOYNE, 2007, p. 100)<sup>22</sup>

Assim como colocado por Franconi (2006), acredito que Shmuel e Bruno enxergam-se mutuamente a partir de sua própria cultura. No entanto, acredito que olhar de Shmuel sobre Bruno seja mais direto, ou seja, menos oblíquo do que o olhar de Bruno sobre Shmuel. Shmuel parece compreender mais a situação do amigo alemão, pois sabe que Bruno é filho de um comandante do exército nazista, enquanto o amigo desconhece que Shmuel está preso em um campo de concentração por causa de pessoas como o pai dele. Bruno, por exemplo, apesar de notar que o amigo está mais magro a cada dia, come os alimentos que ele deveria dar ao amigo judeu. Apesar de ter comida farta em sua casa, às vezes Bruno sente fome ao longo do caminho de sua casa até a cerca, onde Shmuel encontra-se sempre faminto. Bruno, apesar de enxergar a magreza em seu amigo, não consegue entender que ele passa fome.

Embora o olhar para o outro seja sempre oblíquo, pois não existem observadores que não carreguem consigo sua própria história, no momento em que o sujeito olha para o outro, ele também percebe a si mesmo. Sendo assim, os sujeitos também se constroem a partir do olhar (oblíquo) do outro. Franconi (2006) ainda afirma que os estereótipos tendem a aparecer de uma visão distanciada e deturpada que temos do outro. Quanto maior a distância geográfica e cultural dos sujeitos, mais oblíquo será o olhar de um sobre o outro. Apesar de

---

<sup>22</sup> ‘Poland’, said Bruno thoughtfully, weighing up the word on his tongue. “That’s not as good as Germany, is it?”

Shmuel frowned. ‘Why isn’t it?’ he asked.

‘Well, because Germany is the greatest of all countries’, Bruno replied, remembering something that he had overheard Father discussing with Grandfather on any number of occasions. ‘We’re superior.’ Shmuel stared at him but didn’t say anything, and Bruno felt a strong desire to change the subject because even as he had said the words, they didn’t sound quite right to him and the last thing he wanted was for Shmuel to think that he was unkind. (BOYNE, 2006, p. 112)

Bruno e Shmuel carregarem discursos distintos, pois se encontram em lados opostos em uma situação extrema, uma guerra, os dois meninos têm formas distintas de enxergar o outro. Pode-se dizer que Bruno, a partir do convívio diário com Shmuel, aprende mais sobre si mesmo, pois ele consegue aceitar melhor sua própria situação, enquanto Shmuel consegue enxergar melhor o amigo.

Enxergar o outro nem sempre é uma tarefa fácil, pois, na maioria das vezes, os sujeitos supervalorizam seus próprios problemas em detrimento dos do próximo, como Bruno faz ao longo da narrativa, na tentativa de achar pontos em comum entre ele e o seu novo amigo. Ele acredita que Shmuel é um menino igual a ele, com os mesmos problemas que qualquer menino da sua idade deveria enfrentar. Bruno também não consegue entender o que o diferencia das pessoas que estão do outro lado da cerca. Seu desejo é passar para o outro lado, brincar com as centenas de crianças que estão fora de seu alcance. Ao perguntar à Gretel porque ele não poderia passar para o outro lado, Gretel expõe a Bruno sua visão binária de mundo (judeus – não-judeus), que não faz o menor sentido para Bruno.

Gretel suspirou e balançou a cabeça. “Com os outros judeus, Bruno. Não sabia disso? É por isso que precisam ficar juntos. Eles não podem se misturar com a gente.”

“Judeus”, disse Bruno, testando a nova palavra. Ele bem que gostou do som. “Judeus, repetiu ele. “Aquelas pessoas todas do outro lado da cerca... são judeus.”

“Sim, é isso mesmo”, disse Gretel.

“E nós, somos judeus?”

Gretel abriu a boca espantada, como se tivesse recebido um tapa no rosto.

“Não, Bruno”, disse ela. “Nós absolutamente não somos judeus. E você não devia sequer dizer uma coisa dessas.” [...]

“O que nós somos, então?”

“Nós somos...”, começou Gretel, mas então teve que pensar a respeito.

“Somos...”, repetiu ainda sem saber qual era a resposta para essa pergunta.

“Bem, não somos judeus”, disse ela afinal.

“Já sei o que não somos”, disse Bruno, frustrado. “Estou perguntando: já que não somos judeus, o que nós somos então?”

“Somos o contrário”, disse Gretel, respondendo rapidamente e parecendo mais satisfeita com esta resposta. “Sim, é isso. Nós somos o contrário.” (BOYNE 2007, p. 159)<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Gretel sighed and shook her head. ‘With the other Jews, Bruno. Didn’t you know that? That’s why they have to be kept together. They can’t mix with us.’

‘Jews’, said Bruno, testing the word out. He quite liked the way it sounded. ‘Jews,’ he repeated. ‘All the people over that side of the fence are Jews.’

‘Yes, that’s right’, said Gretel.

‘Are we Jews?’

Gretel opened her mouth wide, as if she had been slapped in the face. ‘No, Bruno,’ she said. ‘No, we most certainly are not. And you shouldn’t even say something like that.’ [...]

A lição ensinada por Bruno e Shmuel “requer um movimento de afastamento de um mundo concebido em termos binários, de uma noção das aspirações do povo esboçado apenas em preto e branco” (BHABHA, 2007, p. 37). Bruno, por causa de sua proximidade com Shmuel, não consegue entender o mundo em termos binários (judeu-não judeu), ao contrário de sua irmã, Gretel. Para poder enxergar o Outro, é preciso ver que ele existe, que é diferente de si próprio. Bruno enxerga muitas semelhanças entre ele e Shmuel, que o afasta dos conceitos binários de mundo. Talvez por ser muito jovem, Bruno ainda não carrega tantos preconceitos como sua irmã.

Por mais que algumas pessoas ou instituições tentem colocar o mundo em termos binários, todos pertencemos a uma mesma espécie: a humana. Apesar de todos em sua casa enxergarem o mundo em termos binários, Bruno não consegue fazê-lo, chegando a ponto de tentar salvar o pai de seu amigo que, indiretamente, fora morto pelo seu próprio pai. Quando estão do mesmo lado, sem uma cerca que o separe e sem uma roupa que os diferencie, os meninos encontram-se em pé de igualdade, o que acaba culminando na morte dos dois amigos.

---

‘What are we then?’

‘We’re...’ began Gretel, but then she had to stop to think about it. ‘We’re...’ she repeated, but she wasn’t quite sure what the answer to this question really was. ‘Well, we’re not Jews,’ she said finally. ‘I know we’re not’, said Bruno in frustration. ‘I’m asking you, if we’re not Jews, what are we instead?’

‘We’re the opposite,’ said Gretel, answering quickly and sounding a lot more satisfied with this answer. ‘Yes, that’s it. ‘We’re the opposite.’ (BOYNE, 2006, p. 182)

## CONCLUSÃO

Neste trabalho apresentei uma análise possível do romance *O Menino do Pijama Listrado* (BOYNE, 2007), que não esgota, de forma alguma, outras discussões possíveis acerca do romance escrito por John Boyne.

A Segunda Guerra Mundial, apesar de ser um tema bastante abordado na Literatura, é mostrada de forma diferente em *O Menino do Pijama Listrado* (BOYNE, 2007), visto que um de seus personagens principais, Bruno, desconhece o seu próprio contexto histórico-social. Ao mesmo tempo que Bruno ignora que uma guerra está se desenrolando ao lado e, às vezes, dentro de sua própria casa, Bruno está tão imerso nesse contexto que tem seu destino traçado pelas atrocidades que ocorrem em uma guerra.

Bruno, que ao longo do livro não consegue entender que as pessoas que viviam ao lado de sua casa eram prisioneiras de guerra, torna-se amigo de Shmuel, menino judeu que será a única amizade feita em sua nova casa. Assim como desconhece que seu país está passando por uma guerra de proporções mundiais, Bruno não compreende o verdadeiro valor de uma cerca em nossa sociedade. Bruno, no entanto, ultrapassa o limite imposto ao avançar para um terreno proibido, uma barreira imposta pelos nazistas para aprisionar pessoas semelhantes a Shmuel. O menino alemão, por outro lado, não consegue ultrapassar as barreiras existentes em sua própria casa, que o mantém afastado de seu pai e de sua mãe. Neste sentido, é importante que se pense quais barreiras, as físicas ou as invisíveis, assumem papel relevante na vida de Bruno, pois apesar de ele conseguir passar para o outro lado da cerca para ajudar Shmuel, ele não consegue aproximar-se de seus pais para contar a eles que seu novo amigo mora ao lado de sua casa. Além disso, ninguém em sua casa na Polônia nota que o menino sai quase diariamente de casa para encontrar Shmuel, ficando ausente de casa por algumas horas. O pai de Bruno está quase sempre em seu escritório – lugar onde não é permitida a entrada a sua entrada – e sua mãe mostra-se mais interessada em conversar com o tenente Kotler, visto que ele é o único que lhe faz companhia, do que saber aonde Bruno vai todas as tardes.

Shmuel, ao contrário de Bruno, é um menino introspectivo, que se vê, de uma hora para outra, tirado de sua casa e levado para um campo de concentração juntamente com seu pai e seu irmão. Sua história de vida é mostrada através dos diálogos que acontecem entre ele e Bruno e de algumas percepções do menino alemão acerca de seu amigo judeu. Por causa de sua trajetória e posição que se encontra no momento em que conhece Bruno, Shmuel tem seus

discursos silenciados ao longo da história. Para colaborar com o entendimento sobre como a sua voz é silenciada, e em que medida esse processo acontece, usa-se o conceito que Foucault faz de interdição, que pode se apresentar sob três formas que se entrelaçam num processo simultâneo. Com efeito, Shmuel se vê cada vez mais sozinho e triste com o passar dos dias em Auschwitz, sendo que para ele é um tabu falar da violência que ele é vítima dia após dia. Sua principal saída é fugir para a cerca, lugar onde ele está longe dos olhos dos soldados, e onde encontra Bruno, que conta a Shmuel as suas preocupações de criança ingênua, ou seja, as banalidades de uma vida comum, sem o fardo de uma guerra para carregar.

É na cerca, no limite entre Auschwitz e a casa de um comandante do exército alemão que Shmuel e Bruno encontram um ao outro, ou seja, encontram o novo. Como colocado por Heidegger, “a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.” (HEIDEGGER, 2007, p. 19 apud BHABHA, 2007, p. 19). Na fronteira que separa dois espaços díspares se faz presente a amizade verdadeira entre Bruno e Shmuel. Os dois meninos conhecem o novo e enveredam no desconhecido, visto que regiões de fronteira permitem o contato com culturas diferentes.

Os dois meninos, então, passam a encontrar-se diariamente no mesmo lugar, na fronteira entre o campo de concentração e a casa de Bruno, a relação entre Bruno e Shmuel, no entanto, é assimétrica, visto que Bruno está em uma situação privilegiada, é filho de uma pessoa influente e com poderes sobre as demais pessoas, enquanto Shmuel encontra-se numa posição inferior, de pessoa subjugada. Quando duas culturas se encontram e se entrelaçam uma com a outra, nenhum dos sujeitos envolvidos consegue sair ileso, pois nessa zona de contato (PRATT, 1999) há uma troca cultural e cada menino aprende com o outro a partir de um embate (consensual ou não) de culturas.

Cada menino procura no outro aquilo que precisa, Shmuel tenta encontrar a paz que ele não tem por ser um ator passivo da guerra, enquanto Bruno encontra alguém que ele supõe que tenha as mesmas aspirações que ele. Cada menino completa o outro como uma ponte que permite alcançar uma margem à outra (BHABHA, 2007, p. 24). Assim, *O Menino do Pijama Listrado* não é a história de um menino de pijama listrado, mas de dois, que se completam mutuamente e tem suas vidas transformadas no momento em que se encontram.

A transformação em cada menino acontece de forma diferente, pois cada menino ocupa uma posição antagônica com relação ao outro na sociedade. Seguindo a linha pós-colonial de Homi Bhabha, é possível afirmar há duas posições que se contrapõem no texto, uma de colono (Bruno) e outra de colonizado (Shmuel), sendo que Bhabha coloca que a alteridade colonial é dada a partir da diferença entre ambos (BHABHA, 2007). Cada menino,

então, se vê a partir da diferença cultural do outro. Sendo assim, Bruno sente-se menos solitário e menos injustiçado quando ele encontra alguém (que ele pensa) que enfrenta os mesmos problemas que ele. Shmuel, por outro lado, a partir do momento em que conhece Bruno, começa a entender melhor a sua própria situação, visto que seus desabafos servem para que ele entenda porque ele está vivenciando o que, sejam os piores momentos de sua vida.

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOYNE, John. **The boy in the striped pajamas**. New York: David Fekling Books, 2006.
- BOYNE, John. **O menino do pijama listrado**. Tradução de Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- FRANCONI, Rodolfo A. O Olhar oblíquo: uma categoria cultural, conceituação e exemplos. **Revista de crítica literária latinoamericana**, São Paulo, v. XXXII, n. 63-64, p. 105-115, 2006.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras culturais : Brasil - Uruguai - Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- THE BOY in the striped pajamas. Direção de Mark Herman. Reino Unido: 2008. DVD.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988